

ALEXANDRE DIEGO AQUINO LEVI

SAMBA JAZZ:
Reflexões sobre a ferramenta play along

SÃO PAULO

2010

FMU

CPPQ – Centro de Pesquisa e Pós-Graduação

ALEXANDRE DIEGO AQUINO LEVI

SAMBA JAZZ:

Reflexões sobre a ferramenta play along

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do grau de especialista em Docência Superior em Música do Centro de Pesquisa e Pós Graduação das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU).

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Silva Gomes

SÃO PAULO

2010

FICHA CATALOGRÁFICA

LEVI, Alexandre D. Aquino.

Samba Jazz: Reflexões sobre o play along / Alexandre Diego Aquino Levi. – São Paulo, SP: [s.n.], 2010.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Silva Gomes.

Trabalho de Conclusão de Curso – UniFIAMFAAM, Curso Docência Superior em Música.

Palavras Chave: 1. Play along. 2. Samba Jazz. 3. Guitarra. 4. Improvisação. 5. Educação Musical.

Este trabalho é dedicado a todos aqueles que colaboram, através do desenvolvimento de publicações didáticas, com o ensino musical.

Agradeço a todos os professores que tive contato na FAAM, tanto na graduação, quanto neste curso de especialização em Docência Musical. Em especial, ao Prof. Dr. Marcelo Gomes que me orientou e incentivou neste trabalho.

Aos excelentes guitarristas e professores Paulo Tiné, Lupa Santiago, Djalma Lima e Fernando Corrêa, sem as suas respectivas entrevistas o trabalho não existiria.

Aos alunos, professores e funcionários da escola de música Studio Meyer, em especial ao guitarrista Rodrigo Baggio pelo apoio.

À minha futura esposa Emanuelle que me proporciona carinho e inspiração para continuar buscando os meus objetivos.

À minha família inteira que, mesmo morando em outro país, está sempre presente em minha vida.

Aos meus pais por acreditarem em meu potencial e por me incentivarem a estudar Música.

RESUMO

Este trabalho discute, através da visão de reconhecidos professores do ensino superior da cidade de São Paulo, as vantagens e desvantagens de um possível emprego do livro play along "Samba Jazz" (Ed. Souza Lima, 2009) nos programas de curso e planos de aula de um bacharelado em guitarra. Em primeiro lugar, são explicitadas características deste tipo de publicação e posteriormente, os professores Paulo Tiné (FAAM), Fernando Correa (FASM), Djalma Lima (Cantareira) e Lupa Santiago (Souza Lima) são entrevistados. A partir disso, são realizadas algumas reflexões sobre a utilização deste tipo de ferramenta no processo de ensino do instrumento.

PALAVRAS CHAVE: 1. Play Along. 2. Samba Jazz. 3. Guitarra. 4. Improvisação. 5. Educação Musical.

ABSTRACT

This paper discusses, through the vision of renowned professors of higher education in São Paulo, the advantages and disadvantages of the potential use of the play-along book "Samba Jazz" (Ed Souza Lima, 2009) in the course programs and plans class of a bachelor's degree in guitar. Firstly, it explains the features of this type of publication and thereafter, teachers Paulo Tiné (FAAM), Fernando Correa (FASM), Djalma Lima (Cantareira) and Lupa Santiago (Souza Lima) are interviewed. From this, some reflections are made on the use of these tools in the teaching of the instrument.

KEY-WORDS: 1. Play Along. 2. Samba Jazz. 3. Guitar. 4. Improvisation. 5. Music Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. A PUBLICAÇÃO “SAMBA JAZZ”	10
2. ENTREVISTAS	13
2.1. Paulo Tiné (FAAM)	13
2.1. Lupa Santiago (Faculdade Souza Lima).....	18
2.3. Djalma Lima (Faculdade Cantareira)	22
2.4. Fernando Corrêa (FASM).....	29
3. REFLEXÕES SOBRE O USO DO PLAY ALONG.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

INTRODUÇÃO

Os livros conhecidos como play along (ou “toque junto” em português) foram publicados pela primeira vez na década de 1960¹, nos Estados Unidos. Porém, se tornaram mais populares e acessíveis nas últimas duas décadas e aparentemente colaboraram para o desenvolvimento e formação dos músicos neste período.

Trata-se de publicações onde se encontram partituras, acompanhadas de uma mídia de áudio (MP3/CD ou seus antecessores fita cassete/vinil), onde se podem executar as músicas, atuando como solista ou até substituindo um de seus instrumentistas com o acompanhamento de uma banda.

Por exemplo: em uma formação clássica de quarteto de jazz com bateria, baixo, piano e saxofone, podem-se gravar versões das músicas e posteriormente excluir do registro algum dos instrumentos. Após a exclusão, a vaga deixada pelo mesmo pode ser substituída por um instrumentista, simulando uma apresentação junto com a “sua banda”. Em alguns casos são disponibilizadas as duas versões, uma com o áudio original e a outra sem o instrumento escolhido.

Ao estudar com um play along que possua um acompanhamento harmônico (piano, guitarra, baixo, etc) e rítmico (bateria e percussão), um solista tem uma resposta bem próxima à realidade de se fazer música em conjunto. Diferentemente de se tocar apenas uma linha melódica sem o complemento da mídia de áudio, disponibilizada pelo livro.

Apesar das publicações focadas em música de concerto terem crescido nos últimos anos, principalmente com a série “Classical Play Along” da editora norte-americana Hal Leonard², a grande maioria ainda é focada na música popular e seus diversos gêneros distintos como o jazz, fusion, blues, bossa nova, funk, rock, entre outros.

Os livros provavelmente mais conhecidos publicados neste sistema, no âmbito da música popular, são os 126 volumes idealizados pelo saxofonista

¹ Segundo a publicação “Brazilian Play-Along”.

² Hal Leonard – apesar de estas publicações serem sobre música de concerto, esta é uma das principais editoras de livros didáticos, no âmbito da música popular.

americano Jamey Aebersold³, onde são disponibilizados em sua grande maioria *standards*⁴ de jazz, *latin*⁵ e bossa nova, separados por compositores, nível de dificuldade das composições ou ainda por assuntos específicos a serem abordados no volume em questão. O foco de Aebersold é na improvisação, abordando escalas possíveis para se executar sobre cada acorde. Os áudios não possuem solistas (quase sempre compostos por bateria, baixo e piano), a fim de deixar com que o instrumentista que tenha acesso ao livro, execute as melodias das músicas e crie os seus próprios improvisos.

No Brasil houve, nos últimos cinco anos, uma significativa quantidade de publicações voltadas à música brasileira, um dos principais destaques fica para a série “Clássicos do Choro Brasileiro – Você é o solista”⁶ que possui mais de 10 volumes sobre artistas como Jacob do Bandolim (1918-1969), Joaquim Callado (1848-1880), Pixinguinha (1897-1973), Zequinha de Abreu (1880-1935), Ernesto Nazareth (1863-1934), Chiquinha Gonzaga (1847-1935), entre outros.

Outra colaboração nesta forma de estudo musical foi proporcionada pela editora Souza Lima⁷, que começou suas publicações no ano de 2008 e até o presente momento já publicou três volumes em forma de play along, que abordam uma sonoridade de fusão entre a música brasileira e o jazz. São eles “Música Brasileira em Métricas Ímpares”, “Samba Jazz” e “Baião + Ritmos Nordestinos” todos lançados em 2009.

O livro “Samba Jazz” será discutido neste trabalho. A partir da visão de renomados educadores, no âmbito do estudo da guitarra no ensino superior, busca-se analisar a validade da inclusão da ferramenta de estudo play along, nos programas e planos de aula do curso de graduação.

³ Jamey Aebersold - foi um dos principais responsáveis pela popularização do play along entre os músicos de Jazz e durante este presente trabalho, ele será citado diversas vezes por todos os entrevistados.

⁴ Standards - 1. Canção popular já consagrada e familiar ao público, usada como tema para uma execução jazzística. 2. Canção que ao longo do tempo veio a fazer parte do repertório padrão (standard) do jazz.

⁵ Os americanos denominam “latin”, qualquer música que seja feita na América Latina, por exemplo, a típica música cubana ou até os gêneros brasileiros como o samba.

⁶ Esta série foi publicada pela editora “Choro Music”. Estão disponibilizadas em seu site relevantes informações a respeito deste projeto. (www.choromusic.com.br)

⁷ Souza Lima - A editora começou suas atividades apenas em 2008, porém, ela está ligada ao conservatório de mesmo nome, que é um dos mais tradicionais de São Paulo dentro da música popular.

Para isso, a divisão desta pesquisa será feita da seguinte maneira: no capítulo um são explicitadas as características de tal publicação em formato play along. No capítulo dois, são realizadas entrevistas com quatro professores universitários de guitarra, a saber, Paulo Tiné (FAAM), Lupa Santiago (Souza Lima), Djalma Lima (Cantareira) e Fernando Correa (FASM), tendo como foco esse livro e, no capítulo três, a partir das entrevistas realizadas, são organizadas as informações obtidas a fim de buscar convergências e divergências no ponto de vista dos entrevistados em relação ao uso da ferramenta play along no âmbito do ensino superior. Finalmente, mostram-se as considerações finais do autor sobre a questão.

1. A PUBLICAÇÃO “SAMBA JAZZ”

Esta publicação, lançada em 2009, faz parte da “Série Play Along” da editora “Souza Lima”, que tem como foco a linguagem da música instrumental feita atualmente no Brasil.

O livro “Samba Jazz” tem como autores o pianista Guilherme Ribeiro, o trompetista Daniel D’Alcântara e é produzido pelo baterista Carlos Ezequiel. Os três são professores da Faculdade Souza Lima, referências em seus instrumentos e representantes do estilo em que se propõe a ensinar neste trabalho. Além destes músicos citados, participam também das gravações que acompanham o livro, o saxofonista Vitor Alcântara e o contrabaixista Sizão Machado.

Este play along vem com um guia de como usá-lo, onde são explicados detalhadamente cada aspecto e como obter um melhor aproveitamento ao estudá-lo.

Estão disponibilizadas sete músicas escritas em partituras no formato “*lead-sheet*”⁸, ou seja, com a transcrição da linha melódica principal somada a utilização da cifragem (na concepção da música popular) para indicar a

⁸ “lead sheet” – é um termo muito comum no âmbito da música norte-americana, principalmente no jazz, traduzindo para o português seria uma espécie de “folha do líder”, onde pode-se ter uma idéia do “todo da música”, mas sem entrar em especificações como abertura de vozes para acordes, por exemplo.

harmonia. Abaixo se pode observar a estrutura deste tipo de notação, em trecho que foi extraído da partitura de “Samba Viscoso” (sexta música do livro).



Exemplo 1: Trecho de “Samba Viscoso”, compassos 22-26.

Há também partituras destinadas a instrumentos transpositores em Sib (sax tenor, sax soprano, trompete em sib, etc), Mib (sax alto, sax barítono, trompete em mib, etc) e para instrumentos que utilizam a clave de Fá.

Por exemplo, para um instrumentista que utiliza o sax tenor conseguir executar o trecho do exemplo 1, em unísono com um guitarrista, deve-se ler a partitura do exemplo 3, onde já está adaptada para instrumentos transpositores em Sib (todas as notas devem estar escritas uma 2ªM abaixo ou 7ªm acima).



Exemplo 2: Trecho de “Samba Viscoso” transposto para Sib, compassos 22-26.

Em um caso onde um instrumentista que utilize o sax alto tenha que executar o trecho do exemplo 1, em unísono com um guitarrista, deve-se ler a partitura do exemplo 2, onde já está adaptada para instrumentos transpositores em Mib (todas as notas devem estar escritas uma 3ªm abaixo ou 6ªM acima).



Exemplo 3: Trecho de “Samba Viscoso” transposto para Mib, compassos 22-26.

Para um instrumentista que utiliza o contrabaixo conseguir executar o trecho do exemplo 1, em uníssono com um guitarrista, deve-se ler a partitura do exemplo 4, onde já está adaptada para instrumentos que utilizem a clave de Fá.



Exemplo 4: Trecho de “Samba Viscoso” em clave de Fá, compassos 22-26.

Observa-se também que nos exemplos de transposição anteriores (2 e 3) a harmonia sofre alteração, porém, no caso da mudança de clave apenas, isso não é necessário (exemplo 4).

O áudio que acompanha o livro é dividido em dois CDs, onde estão disponibilizadas as sete músicas em diferentes versões, são elas: *takes*⁹ completos (onde estão registradas as versões originais das músicas), sem melodia/solo (onde é eliminado o instrumento solista), sem harmonia (onde são eliminados instrumentos harmônicos, com exceção do contrabaixo), sem contrabaixo e sem bateria, possibilitando o uso para qualquer instrumentista.

Este presente trabalho se propõe a abordar esta ferramenta apenas do ponto de vista guitarrístico, portanto, este estudante pode utilizar este play along de duas maneiras: atuando como solista ou harmonizando.

A possibilidade de ouvir os *takes* originais das músicas pode fazer com que o estudante utilize-os como referência para sua execução e como fonte para a realização de transcrições. O livro disponibiliza, através de partituras, somente a melodia principal de cada música e a harmonia correspondente, porém, ouvindo as faixas completas, pode-se transcrever os improvisos criados pelos músicos e as conduções harmônicas que foram executadas na gravação, a fim de obter uma maior familiaridade com a linguagem do gênero musical a ser estudado, neste caso, o samba jazz.

Outra colaboração neste mesmo aspecto é a “discografia sugerida”, que está localizada ao final da publicação e exhibe uma lista de 38 álbuns representativos deste estilo, onde há uma mistura de gerações com discos de

⁹ Take: é um termo utilizado para indicar a divisão em partes ou “faixas”. Além de utilizado em música, é muito comum no âmbito do cinema.

1964 até 2007. Entre o período de 2000 e 2007 foram selecionadas 18 publicações, o que aparentemente demonstra que o gênero samba jazz está em alta, no cenário da música instrumental brasileira da última década.

As sete composições presentes nesta publicação pertencem a Guilherme Ribeiro (“Samba pro Maceió”, “Tô de Boa” e “Aguaceiro”) e Daniel D’Alcântara (“Froggy”, “23/11”, “Samba Viscoso” e “Na Corda Bamba”).

2. ENTREVISTAS

A fim de conhecer o panorama de utilização da ferramenta play along atualmente e como poderia ou não nos planos de aula dos cursos de bacharelado em guitarra, decidiu-se entrevistar quatro renomados educadores, no âmbito do ensino superior, com o intuito de esclarecer tais questões.

Foi escolhido um representante de cada uma das principais faculdades de música popular, que disponibilizam o curso de graduação em guitarra, na cidade de São Paulo. O Prof. Paulo Tiné irá representar a Faculdade de Artes Alcântara Machado (FAAM), o Prof. Lupa Santiago representará a Faculdade Souza Lima, o Prof. Djalma Lima falará em nome da Faculdade Cantareira e o Prof. Fernando Corrêa será o representante da Faculdade Santa Marcelina (FASM).

Estas entrevistas serão transcritas na íntegra e posteriormente, serão utilizadas como fonte de discussão no terceiro capítulo deste trabalho.

2.1. PAULO TINÉ (FAAM)

Entrevista realizada no dia 30/11/2010

Há colaboração do livro “Samba Jazz” para o desenvolvimento e aprimoramento deste gênero por guitarristas? Quais são os benefícios?

Em primeiro lugar, ele não é específico para guitarristas. Eu acredito que ele é benéfico para o músico em geral e o play along é sempre uma ferramenta interessante.

O benefício deste livro é poder trabalhar especificamente com gêneros de música brasileira, neste caso, o Samba. Há publicações de Jamey Aebersold sobre a Bossa Nova, porém, por serem músicos americanos tocando música brasileira, nota-se a diferença de “sotaque”.

Para o estudante ter um maior aproveitamento do livro, apenas executar as músicas junto com o CD não basta. É importante ouvir os solos das gravações originais e a discografia sugerida pelos autores. Pode-se ouvir e transcrever os solos, a fim de incorporar a linguagem brasileira do Samba, no estudo da improvisação.

Uma das idéias do livro seria um pouco essa, poder incorporar este “sotaque” do Samba na improvisação e isso só vem com uma vivência. Seria interessante também em outro projeto, pensar em exemplos ou propostas de exercícios onde a harmonia fosse mais rápida.

O estudante pode pegar este livro para estudar e tocar muito bem Samba Jazz, ou em outro caso, tocar muito bem Bossa Nova, mas, na hora que ele for pegar um Jazz com a harmonia que possui *changes* com mudanças mais rápidas, este livro, não só esta publicação, mas, o gênero Samba ou a Bossa Nova, não contribuem para este tipo de pensamento jazzístico.

Há pontos negativos nesta publicação? Quais são as desvantagens deste tipo de estudo?

Eu acho que não tem desvantagem nenhuma. Para mim, estudar é sempre vantagem. No caso do Samba Jazz, é uma crítica ao estilo e não ao livro. Normalmente se trabalha com harmonias muito estendidas, tem acordes que duram muito tempo. Claro que é muito agradável de improvisar, mas, você não pode ter a ilusão de que ao fazer este livro você possa dar conta de todas as situações de improvisação.

Se o aluno fosse tocar Jazz, teria que fazer os play alongs específicos de Jazz, mas, eu acho que seria possível em um segundo volume desta publicação, fazer uma proposta de músicas que possuam mudanças de harmonia rápidas. Outra idéia interessante também, que o livro por ser didático não entra muito

neste ponto, seria trabalhar os sambas em métricas diferentes, por exemplo, 7/8 ou em 5/4, apesar de que o livro já possui a música “Aguaceiro”, que é em 3/4.

Não poder mudar o andamento das músicas e a tonalidade, poderiam ser desvantagens?

Para fazer isso o ideal seria ter um “Band in a Box”¹⁰ um pouco mais desenvolvido. Não sei como estão as últimas versões desse programa, mas, neste sentido de mudar de tom e de andamento este software é uma boa ferramenta, o que é ruim nele é a parte de levadas e os timbres.

Existem softwares utilizados na área de música erudita para criar trilhas sonoras, para jingles comerciais por exemplo, onde foram sampleados¹¹ os instrumentos da filarmônica de Berlim. Neste processo são registradas todas as notas da flauta, por exemplo, nas regiões grave, média e aguda com músicos excelentes tocando e posteriormente quando se escreve as melodias no pentagrama do programa o som produzido é o que foi registrado e o resultado final é muito bom.

Será que isto poderia ser feito com os músicos do livro “Samba Jazz”? Por exemplo, gravar o timbre do baixo do Sizão Machado e no programa você ter a opção de escrever a levada utilizando aquele som sampleado? É uma idéia para programador, montar uma ferramenta parecida com o “Band in a Box” só que melhor desenvolvido e aí sim podendo alterar diversos parâmetros como tonalidade, andamento, utilizar compassos ímpares ou compostos, etc.

Em seu programa de ensino na FAAM há algum livro play along adotado/indicado como ferramenta de estudo? Quanto e como você aplica?

Eu realmente não adoto. Na verdade, eu não conhecia essas publicações (série play along Souza Lima), acho uma ferramenta muito legal, o problema é

¹⁰ O Band in a Box é um dos softwares mais populares entre os estudantes de música, neste programa pode-se escrever harmonias e melodias em qualquer tonalidade ou andamento e utilizá-lo como se fosse um play-along.

¹¹ A palavra *sampler* (o que tira amostras) vem da língua inglesa. O termo “samplear” representa criar um banco de dados com alguns registros sonoros para uso posterior, geralmente com auxílio de computadores.

que “ele” sempre toca do mesmo jeito. Você toca com vários músicos ferres, mas eles nunca interagem contigo.

O play along é muito legal para um momento, onde você queira simular uma situação um pouco mais real de improvisação, do que aquela de estudo. Para mim o play along corresponde mais a um momento de descontração e aplicação, do que ao estudo propriamente dito. Há muitas etapas a serem cumpridas previamente à “situação real da improvisação”.

Por exemplo, é necessário praticar primeiramente a improvisação sobre a harmonia sem acompanhamento algum, a fim de obter um pulso interno. Há também que praticar com metrônomo nos mais diversos andamentos, antes de partir para o play along. Questões técnicas também devem ser estudadas previamente, para conseguir executar as frases mais complicadas na hora de improvisar.

Quando você fica só na situação real da improvisação, só tocando com o acompanhamento, às vezes você termina não usando algumas idéias, pois precisam ser partejadas, ou seja, estudadas separadamente pois não saem na hora.

A improvisação não é uma coisa que surge na cabeça e automaticamente já passa pra mão, às vezes você tem uma idéia e quer executá-la na hora de improvisar e não sai. Aí entra o momento *slow motion*, que é antes do play along, pode-se ter a idéia de executar uma frase que precise de um desenvolvimento técnico específico e que você não possui, portanto, você terá que trabalhar essa técnica, através de vários exercícios em diversos andamentos. O que eu diria é que não dá pra ficar só no play along, ele é um momento de aplicação de todo o estudo.

Como a ferramenta play along pode/poderia ser aplicada nos planos de aula do curso de guitarra da FAAM?

Eu não trabalho com play along nem no Jazz, então não sei se trabalharia com este. Eu tenho na minha programação uma série de coisas que eu acho importante e existe um caminho pedagógico para ir de A a Z, passando por

várias etapas e este livro só funcionaria, se ele estivesse exatamente encaixado nesta minha proposta.

Pensando no aluno que entra na FAAM no primeiro semestre, esta publicação, especificamente, é um tanto difícil. Acredito que eles não teriam condições de utilizá-lo.

No primeiro semestre eu trabalho blues e baião para aplicação de arpejos e nesta publicação, não há nenhuma música deste gênero, mas, poderiam ser utilizados alguns outros livros que contenham os estilos abordados no programa.

Por exemplo, eu tenho uma apostila utilizada para o curso de guitarra. Poderia pegar este material, desenvolvê-lo e ter como suporte da apostila, um play along, pois aí seriam realizados os estudos que estão sendo propostos pelo programa do curso, com o complemento do áudio.

No meu programa para o segundo semestre, o aluno tem que tocar *standards* e choro, neste caso os livros do Aebersold seriam mais indicados, além de publicações sobre o choro. No quarto semestre o foco é o frevo, porém, acredito que até o presente momento não exista publicações nesta área.

O play along como ferramenta não está descartado, mas, seria preciso adotar um livro diferente para cada conteúdo programático.

Qual a importância desta publicação ser brasileira?

Eu acho importante porque desenvolve uma forma brasileira de se improvisar e com brasileiros tocando, diferentemente de publicações como as de Aebersold, onde dá para perceber a diferença de sotaque.

Observando os três livros (série Souza Lima play along), dá para perceber que se forem misturadas as diferentes publicações dá para obter um bom leque de possibilidades de aplicação. O aluno pode tocar baião, samba jazz, músicas em métricas ímpares e outros, com uma concepção jazzística.

É engraçado porque o Rogério Costa, professor da USP que trabalha também com a improvisação, em 1997 queria fazer o que o Souza Lima está fazendo agora com estas publicações play alongs de música brasileira, porém, por diversos motivos acabou não dando certo na época.

Aparentemente os livros no formato play along também são utilizados por músicos profissionais e professores de música. Eles estão presentes em seus estudos?

Não. Eu não uso play along. Já usei, mas sempre como curtição, nunca como ferramenta de estudo. Eu tinha um play along do Herbie Hancock onde eu ficava tocando Maiden Voyage, tinha o do John Coltrane, mas era muito difícil tocar Giant Steps naqueles andamentos que o Aebersold propõe, tive o de Bossa Nova também, mas nunca foi uma coisa que me interessou muito.

2.1. LUPA SANTIAGO (FACULDADE SOUZA LIMA)

Entrevista realizada no dia 03/12/2010

Há colaboração do livro “Samba Jazz” para o desenvolvimento e aprimoramento deste gênero por guitarristas? Quais são os benefícios?

Acho que sim. Quando fomos a um encontro no Canadá, proporcionado pela IAJE (Associação Internacional dos Educadores de Jazz), houve uma reunião onde participaram diversas escolas do mundo, inclusive com representação de toda a América do Sul. Lá foram discutidos os problemas que encontramos em relação às poucas publicações sobre música brasileira e música latina, não só pouca literatura disso, como também poucas publicações nestas línguas. A maior parte da bibliografia que se tem, é em inglês. Você acha meia dúzia de bons livros, o que é muito pouco. Foi aí que decidimos, ao voltar para o Brasil, fundar a editora Souza Lima pela qual lançamos vários livros, vários play-alongs, dentre eles o “Samba Jazz”, a qual você se refere.

O Samba Jazz é um dos estilos mais representativos do Brasil e, é ainda um pouco subestimado. As pessoas confundem um pouco ainda o que é este estilo, o termo faz parecer que é apenas um Jazz tocado em Samba enquanto existe uma série de características e vocabulários inerentes a este importante estilo. Caras como Edison Machado e Henrique Meirelles são de suma importância para a música brasileira.

Acho que o play along funciona muito diretamente para todos os instrumentos e para a guitarra também, primeiro porque tem essa opção do “-1”, que acredito ser a grande vantagem do livro, aonde você pode tirar um dos instrumentos de cada uma das músicas.

O livro disponibiliza diversas versões, algumas delas são, sem a melodia, sem o contrabaixo, sem a bateria e sem a harmonia, esta última citada é super importante para o guitarrista, onde pode-se ouvir o acompanhamento original e copiá-lo, podendo também realizar transcrições. Você pode ouvir a melodia e tocá-la idêntica ou pode também ter idéias para interpretá-la, inclusive ouvir os solos como referência e fonte de transcrição. Além é claro, de poder utilizar o livro como um básico play along, para você incorporar a linguagem. A linguagem, não é apenas o que está escrito na partitura, é a forma de tocar, é todo o vocabulário. Por isso eu acho que afeta a forma de acompanhar, de tocar a melodia ou de solar.

Para um músico de nível avançado o principal objetivo é pegar a linguagem do *groove*, do acompanhamento, da melodia e de solo. No nível básico, o objetivo é de fato, conhecer o Samba Jazz, para você ter uma idéia do que é e neste livro acredito que isto esteja bem claro. Não é fácil achar os discos de Samba Jazz e às vezes você encontra misturado com outros CDs de música instrumental brasileira, tão bons quanto, mas, não existe a separação nas lojas e as pessoas de fato não conhecem o estilo. Nesta publicação está todo mundo tocando naquele estilo e é uma experiência mais intensa e selecionada.

Há pontos negativos nesta publicação? Quais são as desvantagens deste tipo de estudo?

Eu acho que tem. Acho que têm poucas músicas. A média das publicações internacionais são dez músicas, este tem sete, o que não é tão abaixo, mas, eu gostaria que tivessem muito mais.

Não poder mudar o andamento das músicas e a tonalidade, poderiam ser desvantagens?

O gênero Samba Jazz já tem um andamento característico e que é rápido, no caso desta publicação acredito que isso não foi um problema mesmo e não daria para fazer vários níveis de publicações deste estilo, porque o Samba Jazz só tem um nível.

No play along “Métricas Ímpares”, para exemplificar, nós desenvolvemos vários níveis de composições, há uma bossa nova em 3/4 com um andamento bem lento, em contrapartida há também um maracatu em 11/8 onde a pulsação é super rápida e a intenção, neste caso, foi realmente realizar este contraste entre os diferentes níveis. No caso do livro “Samba Jazz”, talvez a harmonia seja um pouco mais simplificada, mas, não vejo o fato de não poder mudar de andamento como uma desvantagem.

Em seu programa de ensino na Faculdade Souza Lima há algum livro play along adotado como ferramenta de estudo? Quanto e como você aplica?

Nós usamos este play along de Samba Jazz diretamente nas práticas de banda do conservatório e também na faculdade, não só este, como todos da editora. As práticas são divididas em seis níveis e cada uma tem o seu objetivo e sua publicação indicada. Utilizo-os também nas minhas aulas de instrumento.

Faz parte do programa, do curso de guitarra, estudar as diferentes fases do Jazz e os principais gêneros de música brasileira. Quando o assunto é Samba Jazz, eu indico alguns discos do Edison Machado para o aluno ouvir e compreender a “vida real da época”, posteriormente, utilizo a ferramenta play along para a aplicação do estudo.

O play along pode ser usado em provas também, alguns alunos trazem playbacks para utilizar no exame do vestibular.

Como a ferramenta play along pode/poderia ser aplicada nos planos de aula do curso de guitarra da Faculdade Souza Lima?

Eu recomendo que o aluno ouça bastante as versões completas das músicas e depois toque junto, tendo como objetivos desenvolver o acompanhamento, a improvisação, obter mais segurança e incorporar a linguagem.

Uma coisa que eu estou fazendo atualmente é usar os próprios discos dos artistas como play along, por exemplo, ao estudar o pianista Thelonious Monk é possível executar suas músicas com o auxílio do play along, mas, você pode também tocar com os próprios discos do Monk. Na época dele não havia a facilidade que há hoje em encontrar publicações em forma de play along, ou mesmo para realizar gravações. Portanto, nos registros dos discos os músicos tentam tocar em seu melhor nível possível e em alguns momentos podem acontecer “erros maravilhosos”, que acabam ficando registrados nos álbuns.

No play along não há erro de execução. Quando fomos gravar as músicas no estúdio, se acontecia um erro, apagávamos o *take* e refazíamos. Acho interessante usar os próprios discos que você gosta como um play along e também explorá-los ouvindo e transcrevendo idéias de acompanhamentos, solos, interpretações da melodia, etc.

Qual a importância desta publicação ser brasileira?

Um fato importante desta publicação é que ela está sendo lançada no mundo inteiro, em várias línguas como alemão, inglês, português e espanhol. No Brasil é distribuído pela editora Souza Lima e fora dele pela Advance Music.

Este livro é uma representação muito forte do estilo em questão e o legal é que as músicas foram “executadas para valer”, ninguém economizou. Existem diversos play alongs, por exemplo os volumes do Aebersold, que são sensacionais e outros que deixam a desejar, que ajudam mas que nem sempre ficam legais. Os músicos que colaboraram nesta publicação são ótimos representantes deste gênero, por exemplo, eu acredito que não há melhor trompetista no mundo, para representar o Samba Jazz, do que o Daniel D’Alcântara, ele tocou com alguns dos principais nomes da música brasileira.

Quando nós viajamos para tocar no exterior, o público fica maluco, pois eles já enxergam a aplicação prática deste livro.

Para desenvolverem os play alongs da editora nós escolhemos autores que tivessem mais familiaridade com o estilo proposto, portanto, selecionamos o Daniel e o Guilherme que compuseram sempre Samba Jazz. Ambos já possuíam as músicas compostas e só complementaram com alguns detalhes. Em outras das publicações, da mesma série, houveram músicas que foram compostas especialmente para o livro.

Aparentemente os livros no formato play along também são utilizados por músicos profissionais e professores de música. Eles estão presentes em seus estudos?

Eu estudei muito a série play along da editora Souza Lima, especialmente o de Samba Jazz, pois não participei da elaboração, por isso, foi o que eu mais exercitei. Nos outros como eu acabei tocando, analisei menos, pois não vejo muita utilidade em estudar as coisas que eu mesmo fiz, sempre quero aprender coisas novas. Eu pratiquei bastante o livro “Samba Jazz”, porque eu acho que tem uma linguagem que eu não domino ainda, por isso, dei uma atenção especial a ele.

2.3. DJALMA LIMA (FACULDADE CANTAREIRA)

Entrevista realizada no dia 04/12/2010

Há colaboração do livro “Samba Jazz” para o desenvolvimento e aprimoramento deste gênero por guitarristas? Quais são os benefícios?

Eu acho que há sim colaboração do livro. O Principal benefício neste play along é o fato de poder tocar junto com uma “cozinha” especializada no assunto, formada por músicos brasileiros conceituados neste gênero.

Por exemplo, com os playbacks do Aebersold pode-se praticar os *standards*, as harmonias, os arpejos, mas a grande questão é poder interagir com músicos que realmente tocam jazz. O baixista Ron Carter participa de

vários volumes desta série de play alongs e não tem um cara mais especialista neste tipo de linguagem jazzística, do que ele.

O objetivo principal deste tipo de publicação é que o aluno possa aprender mais em como interagir com o tipo de “cozinha” e neste aspecto, acredito que o livro Samba Jazz colabora muito.

Acredito que seja importante para o estudante brasileiro, mesmo o que já tenha contato com este gênero, poder tocar com uma turma especialista no assunto como Carlos Ezequiel (bateria), Sizão Machado (baixo) e Guilherme Ribeiro (piano), mas, há também outro aspecto, eu imagino este play along na mão de um guitarrista americano e ele tentando aprender as levadas junto com o Sizão, Carlos e com o Guilherme, ou na mão de um guitarrista holandês e ele tentando pulsar junto com a turma e tentando entender as características do estilo. Neste aspecto, acho esta publicação muito interessante.

Normalmente quando se estuda com um livro em formato play along o foco está em executar melodias/solos, mas, particularmente acho mais interessante nesta publicação o aspecto do acompanhamento, onde é possível eliminar a harmonia das gravações e o guitarrista pode praticar esta importante função.

Há pontos negativos nesta publicação? Quais são as desvantagens deste tipo de estudo?

Na publicação eu não vejo ponto negativo nenhum, ela é super cuidadosa. Também vi outros livros da editora Souza Lima, tem um do Guilherme Ribeiro sobre Contraponto que é muito legal, super bem feito.

Uma coisa que foi comum e que reparei em alguns alunos que estudaram muito com playback é que eles tinham problemas rítmicos, a parte rítmica deles era deficiente, principalmente na mudança dos acordes. Percebi isso na maioria dos meus alunos que estudavam apenas com o play along, problemas na parte rítmica e em delinear o acorde melodicamente. Então, a partir do momento que tirávamos o play along da jogada e tocávamos apenas com o metrônomo, ao voltar pro playback a coisa funciona muito melhor.

Eu tenho um pouco de objeção com o aluno já começar o estudo com a utilização do playback por que percebi que como o aluno ouve no play along as mudanças de acordes, ele passa a não ter um total controle da harmonia na parte melódica da improvisação dele, por exemplo, ele não tem obrigação de explicitar e delinear cada acorde a partir do momento que o playback já deixa a harmonia clara. Por este motivo eu opto sempre por começar o estudo apenas com o auxílio do metrônomo, aonde o próprio aluno toca as progressões para ele, harmoniza, toca o *chorus* inteiro ou divide a composição em trechos e fica estudando as progressões.

Quando o aluno aprende a ouvir as mudanças de acorde (sem o auxílio do play along), aprende a arpejar elas e tenta ouvi-las de uma forma mais horizontal do que vertical, aí sim poderia se utilizar o playback como uma aplicação do estudo. Eu acredito que o play along entra em um segundo momento para ajudar a encontrar a linguagem do estilo, neste caso, o Samba Jazz. Portanto, acredito que deve-se resolver primeiramente a parte harmônica, melódica e rítmica para depois sim usar o play along.

Por um lado é super interessante você poder tocar ao lado do Sizão Machado, do Carlos Ezequiel e com o Guilherme Ribeiro te acompanhando, mas, eu acho importante também poder tocar com um colega, porque aí você está em uma situação de prática real, mesmo que o seu colega não tenha a mesma experiência desses caras, mas, você pode interagir com ele e até terem as mesmas dificuldades.

Não poder mudar o andamento das músicas e a tonalidade, poderiam ser desvantagens?

É verdade. O fato de não poder mudar de tonalidade e de andamento são desvantagens, mas por outro lado, não sei como uma publicação de play alongs poderia resolver isso, teria que ser uma série de livros. Existem algumas publicações que você tem a mesma música em vários tons, mas por causa disso, em um CD você tem apenas uma ou duas músicas para dar conta disso. Aí cai em outro problema, por exemplo, você tem “Cherokee” nos 12 tons e em diferentes andamentos, mas, cada tom corresponde a um andamento e isso

gera ainda outro problema, você pode pensar “aqui em Réb eu queria aquele outro andamento e não este”, portanto, o play along também tem as suas limitações.

Há também os softwares que resolvem isso, por exemplo, o “Band in a Box”, mas aí você acaba perdendo a possibilidade de estar tocando com um especialista no assunto, para tocar com uma máquina que é precisa e “dura”. Eu acho que tudo isso, o “Band in a Box”, os play alongs, são ferramentas a mais, mas, a muito tempo vem funcionando o ensino tradicional, onde você senta com o aluno, liga o metrônomo e toca o repertório junto com ele. O play along ainda é novo para nós termos uma certeza de que é uma ferramenta que realmente funciona.

Em seu programa de ensino na Faculdade Cantareira há algum livro *play along* adotado como ferramenta de estudo? Quanto e como você aplica?

A gente não tem nenhum play along na ementa do curso, mas, existem muitas trocas entre os alunos, um tem o playback de uma música e acaba emprestando pro outro que está estudando o mesmo tema, isso existe, mas, não há nenhum livro indicado na bibliografia do curso ou na ementa.

Dou aula na Faculdade Cantareira a sete anos e nunca usei play along nas aulas, mas eu gostaria que ficasse claro que não é porque eu não goste. Acho que tem a ver com o fato do instrumento, por serem dois guitarristas. Na sala ao lado quem dá aula é o Vitor Alcântara, primo do Daniel autor do livro “Samba Jazz”, ele usa play along por motivos óbvios, por serem dois saxofonistas. Ele divide a aula, por momentos está tocando piano e em outros usa play alongs da série Souza Lima ou de Jazz. Portanto, o play along não faz parte do curso de guitarra, mas acredito que seja até pelo nosso hábito de tocar em duo.

Eu recomendo aos meus alunos que estudem sempre com o metrônomo, mesmo que seja em duo com outro guitarrista, ele tem que estar sempre presente na hora do estudo. No momento de aplicação eu digo a eles que coloquem um play along para tentar aplicar as questões estudadas e também

para curtir um pouco o “tocar em grupo”. É importante ter consciência de que o playback é uma simulação de prática de banda, mas que não pode substituir o fato de tocar com outros músicos por diversos motivos, entre eles, a questão do play along não interagir com o solista.

Como a ferramenta play along pode/poderia ser aplicada nos planos de aula do curso de guitarra da Faculdade Cantareira?

Quando fosse estudar a linguagem da música brasileira, no caso, do Samba Jazz, poderia pedir para o aluno estudar um tema “x” desta publicação, aplicando uma célula rítmica “y”. Por exemplo, como vimos no tema tal utiliza-se bastante esta célula, portanto, me traga um improviso baseado nessa célula rítmica para a próxima aula. Acho que dessa forma é bacana, porque o aluno está tentando entender o estilo proposto pelo livro. É bem comum eu pedir em uma aula alguma coisa do tipo “me traz tal standard em arpejos para a próxima aula” e neste caso o playback se encaixaria super bem.

Eu ouvi playbacks de bateria muito bons, por exemplo, um play along da Big Band de Los Angeles aonde aí sim eu vi uma vantagem muito grande nesta forma de estudo. Um estudante de bateria dificilmente terá a oportunidade de tocar com uma big band, ainda mais uma deste porte e eu vi na prática aquilo funcionando. O baterista com a partitura aberta, acompanhando através da leitura os acentos e ataques realizados pelos nipes e explicitando-os com o uso de dinâmicas. Porém, o foco é mais no estilo de tocar em big band, totalmente baseado em leitura.

Eu sei que os professores lá na Faculdade Cantareira usam bastante, o Bob Wyatt (bateria), Guilherme Marques (bateria), Giba Favery (bateria) e o Vitor Alcântara (saxofone) utilizam. O playback de big band que eu ouvi foi na aula do Bob.

Coincidência ou não, os caras que eu me lembro que usam com frequência o play along são três bateristas e um saxofonista. Você nota que o play along faz parte do método deles e acredito que isso tem a ver com a dinâmica da aula, por exemplo, se o Vitor quer saber como está o “II/V/I” do aluno, ele já tem engatilhado o playback com as progressões, no meu caso,

quando eu quero avaliar o “II/V/I” do aluno, eu o acompanho na guitarra, para mim é muito mais prático. Quem não usa com frequência os play alongs são os instrumentistas que tem opções de tocar em duo, por exemplo, os guitarristas. Portanto, acredito que tenha a ver com a questão do instrumento.

Pensando nas provas de guitarra da Faculdade Cantareira, geralmente os alunos tocam comigo e eu quero mudar o sistema para eles tocarem em duo, porque é complicado para eu avaliar e tocar ao mesmo tempo. Nesse sentido talvez fosse mais interessante a opção do playback, porém, tem a limitação de eu precisar avaliar uma questão e só possuir o play along que tenha outra abordagem. Estou tentando mudar o panorama para que os alunos possam trazer um músico acompanhante, deixando livre a questão do semestre e do nível porque isso é muito relativo. O aluno poderia trazer músicos de outro instrumento, como um contrabaixista, um pianista ou quem sabe até tocar em trio.

Quando toca-se em grupo, há a possibilidade de ocorrer problemas, por exemplo, um dos músicos perder o *chorus* ou alguém atravessar a forma da música e é interessante ver como o aluno se comporta numa adversidade dessas. No caso do play along ele vai decorar tudo, chegar na prova e arrasar e dificilmente vai ter uma adversidade, portanto, estaria em uma situação um pouco mais cômoda, numa zona de conformo muito maior. Portanto, em uma avaliação eu acredito que o uso do playback facilite as coisas para o aluno, mas acho válido para ele praticar em casa com o intuito de preparação para a prova.

Qual a importância desta publicação ser brasileira?

Uma das coisas que eu acho interessante é que é bom que se publique logo este tipo de trabalho, antes que outros o façam, como aconteceu com o Aebersold no caso da Bossa Nova. Existem músicos tocando música brasileira razoavelmente bem no Japão e não seria impossível que um japonês lançasse um livro de choro, por exemplo.

A parte de publicações nacionais ainda é muito fraca, principalmente voltado para o meio acadêmico e para a área de música popular, cada vez vai

afunilando mais. A ementa de um curso de guitarra no Brasil, na maioria das vezes só tem livros estrangeiros.

É bom que a gente comece a ter uma bibliografia nacional competente e responsável. É legal ver que caras como o Daniel D'Alcântara, Guilherme Ribeiro, Carlos Ezequiel, Sizão Machado, Vitor Alcântara, Lupa Santiago, Fernando Corrêa e tantos outros, tenham colaborado nos últimos anos com suas respectivas publicações. Geralmente os músicos de ponta estão super envolvidos com diversas coisas, trabalhando exaustivamente e acabam não tendo tanto tempo para desenvolver publicações de material didático e fico feliz por estes músicos que citei terem conseguido conciliar as duas coisas e tenham colaborado para a bibliografia nacional.

Aparentemente os livros no formato play along também são utilizados por músicos profissionais e professores de música. Eles estão presentes em seus estudos?

O play along é um recurso que muita gente diz que não usa, mas por outro lado, todo mundo tem. Eu uso muito pouco, mas, um dia desses estava estudando um negócio novo e senti falta de um play along naquele andamento e naquela tonalidade, para sentir como estava soando aquelas idéias. Portanto, existe com certeza uma utilidade prática para este tipo de ferramenta.

Em geral eles formam uma porcentagem muito pequena dentro do meu estudo, acredito que eu tenha um pouco de preguiça de encontrar os playbacks e escolher o ideal para cada estudo. Tenho um monte de metrônimos jogados pela casa, eu pego a guitarra ligo um deles e penso “música x, só em arpejos ou só em padrão de sextas” e para mim é muito mais prático. Algumas vezes eu ligo um play along e fico praticando arpejos, mas é bastante raro. Quem sabe, após conhecer o livro “Samba Jazz”, eu comece a usar mais.

2.4. FERNANDO CORRÊA (FASM)

Entrevista realizada no dia 16/12/2010

Há colaboração do livro “Samba Jazz” para o desenvolvimento e aprimoramento deste gênero por guitarristas? Quais são os benefícios?

Qualquer livro ou disco que seja assinado por Daniel D’Alcântara ou Guilherme Ribeiro é qualidade garantida, são dois grandes músicos. O Daniel, em minha opinião, está entre os melhores improvisadores de jazz do Brasil, ele poderia tranquilamente estar morando em Nova Iorque e tocando com os principais músicos de lá. O Guilherme Ribeiro também é um excelente pianista.

Eu não estudei o livro detalhadamente, pois não tive tanto tempo para tal, mas, no que pude ver e ouvir gostei muito. Inclusive houve uma apresentação, realizada na FASM, de um grupo formado só por autores de livros da Editora Souza Lima onde participaram os músicos Daniel D’Alcântara (trompete), Lupa Santiago (guitarra), Zeli (baixo) e Carlos Ezequiel (bateria). Neste show foram apresentadas algumas das músicas do livro “Samba Jazz”, aliás, há uma música do Daniel que possui a mesma harmonia do tema de jazz “Out of Nowhere”.

Todo livro que seja bem feito, bem tocado e com temas com características de *standards*, como é o caso deste, vai ser importante não só para os guitarristas, mas, para qualquer músico que queira se aprofundar nessa área da improvisação.

O Play along é uma alternativa muito bacana para praticar. Lembro-me da época em que eu estava começando a estudar música e a me interessar por jazz, ainda não existia o CD e começaram a aparecer em São Paulo as famosas publicações do saxofonista americano Jamey Aebersold, ainda em vinil e foi uma sensação por aqui. Os músicos que viajavam para os Estados Unidos e tinham acesso ao material traziam os livros para cá e compartilhavam com os amigos, que não tinham a oportunidade de viajar para fora do Brasil. Aqui em São Paulo ainda não eram comercializados ou se aparecia algum dos volumes para vender, era absurdamente caro. Portanto, os músicos começaram a copiar do vinil para a fita cassete e muitas vezes nós tínhamos a “5ª geração” da gravação original. A cada vez que uma cópia era realizada a qualidade ia piorando, aconteciam

problemas de chiado e às vezes, dependendo da velocidade do aparelho de som, ao gravar poderia alterar a tonalidade em relação à original e, portanto, era necessário desafinar a guitarra para conseguir acompanhar a gravação. Havia também a dificuldade de mudar de música, pois tínhamos que ficar passando a fita cassete para frente ou para trás, era tudo analógico e apesar de todas as adversidades nos divertíamos e aprendíamos muito.

Acredito que os benefícios são evidentes, mas, é lógico que o ideal é você se reunir com outros músicos para tocar, reunir uma galera legal com quem você tenha afinidade e fazer um som juntos, tocar *standards* ou músicas próprias, mas, na impossibilidade de, o play along é uma das melhores formas para se praticar. Quando você quer estudar improvisação ou conhecer uma música melhor, o play along exerce uma função importante onde é possível tocar o tema “All the things you are”, por exemplo, quantas vezes você quiser.

Há também a questão da difícil locomoção que existe em São Paulo, tudo é muito complicado por aqui. Às vezes você quer reunir uma galera para fazer um som, mas, quando se lembra do trânsito você pensa “acho que vou estudar com o meu play along em casa, para não perder o tempo de estudo parado dentro do carro”.

Eu acho muito legal o fato de você poder tocar com músicos que são referências no estilo, você pega os livros americanos e estão lá o Ron Carter (baixista), John Patitucci (baixista), Billy Hart (bateria), etc. Neste caso, do livro “Samba Jazz”, estão tocando contigo Carlos Ezequiel, Guilherme Ribeiro, Sizão Machado, Daniel D’Alcântara e Vitor Alcântara, só músicos feras. Uma questão legal também é o fato de os play alongs nacionais disponibilizarem a versão completa, onde pode-se ouvir como os músicos executam as melodias e os improvisos, já nos livros do Aebersold estão disponíveis apenas as versões sem melodia.

Há pontos negativos nesta publicação? Quais são as desvantagens deste tipo de estudo?

Acho que não há ponto negativo nenhum e nem há desvantagem nenhuma nesta forma de estudo, acredito que só haja vantagens e pontos positivos. Seria um ponto negativo se o músico só quisesse tocar com o play

along, em vez de tocar com outros músicos, mas acho que isso não acontece com ninguém.

Não poder mudar o andamento das músicas e a tonalidade, poderiam ser desvantagens?

Eu não tinha pensado nisso, mas, talvez seja. Aí entram os sequenciadores e os softwares de computador, mas, mesmo não podendo mudar de andamento, particularmente, prefiro o play along à máquina. É legal também poder praticar e ter a opção de utilizar o andamento e a tonalidade que quiser, mas, o som dos softwares é horroroso e mesmo aqueles que têm bons timbres, não soa natural, nota-se que não é um músico de verdade tocando.

Existem algumas alternativas legais, por exemplo, no livro do Aebersold, sobre o John Coltrane (volume 28), são disponibilizadas versões das músicas “Giant Steps” em diferentes andamentos.

Realmente são pequenas desvantagens, mas, acredito que talvez sejam as únicas desta ferramenta e ganha de goleada de programas de computador, como o “Band in a Box”, por exemplo.

Em 2006 foi lançado o livro “Brazilian play along”, de sua autoria. Ele tem propostas de estudo parecidas com a publicação “Samba Jazz”?

Eu publiquei este livro que também é só de música brasileira, porém, este projeto possui apenas músicas de compositores consagrados, não há nenhuma música autoral do grupo. Inclusive algumas das músicas são bem difíceis de improvisar porque foram feitas como canção, por exemplo, o samba que a Elis Regina gravou “Vou deitar e rolar”, é uma música que é muito mais para praticar a melodia do que para improvisar, pois a forma dela é bem confusa. Diferentemente de “O Barquinho” que já possui uma forma standard, como os standards de jazz, mais tranquila para improvisar.

No livro “Samba Jazz” todos os temas são compostos pelos próprios autores e acredito que as duas opções são válidas. No “Brazilian Play Along” tem também a idéia de a pessoa que for comprar o livro conheça as músicas,

por exemplo, “O Barquinho”, “Madalena”, “Serrado”, “Bons Amigos”, são temas que já tocaram bastante no rádio e até no caso de um músico profissional, ele já pode ter acompanhado cantores que utilizavam esse tipo de repertório em seus trabalhos. Os livros diferem um pouco neste aspecto, mas no “Brazilian Play Along” também tem os caras da pesada como Edu Ribeiro (bateria) e Marinho Andreotti (baixo).

Acredito que deveria existir mais material deste tipo, acho que os americanos aproveitam muito bem essa questão da didática deles, são muito organizados. O Jamey Aebersold, por exemplo, fez muita coisa e às vezes até exagera e repete várias músicas, por conta de tantos volumes publicados.

Em seu programa de ensino na FASM há algum livro play along adotado como ferramenta de estudo? Quanto e como você aplica?

Lá na FASM, os alunos têm que cumprir alguns programas e às vezes se o estudante tem que tocar músicas que estejam disponíveis no meu livro “Brazilian Play Along” eu o recomendo, mas, tem muito a ver com o conteúdo que o aluno está estudando.

Usamos vários play alongs do Aebersold. Hoje em dia com as facilidades de se encontrar material didático na internet, se um aluno está querendo se especializar em uma linha mais bebop, ele mesmo traz o play along do Charlie Parker para a aula e ficamos estudando com o auxílio do playback.

Além de adotar o meu play along de música brasileira, comecei a utilizar para alguns casos de alunos mais avançados meu outro livro “Estudo Rítmico sobre Coltrane”, que é baseado nos três primeiros *chorus* da música “Giant Steps”. Por ele possuir um CD que acompanha a publicação, acaba se tornando um tipo de play along também só que com diferentes perspectivas, onde o objetivo principal é o estudo de quiálteras como quintinas, sextinas e septinas.

Quando os alunos chegam ao último ano começam a se interessar em conhecer mais o tema “Giant Steps”, neste caso o livro se encaixa super bem, e eu acho interessante porque estudar os conceitos deste tema não irá ajudar apenas nele, mas, também para várias outras coisas.

Eu sempre peço para os alunos transcreverem solos e selecionamos trechos com as frases que ele mais gostou para estudarmos possibilidades de aplicações sobre uma cadência II/V, por exemplo.

Neste caso, eu utilizo o livro do Aebersold “II/V/I” (volume 3), que é o que eu mais uso, pois tem esta importante cadência em todos os tons e tanto com a resolução maior quanto a menor. Com o auxílio deste play along, executamos as frases escolhidas em todos os tons. Estudamos também algumas frases do John Coltrane que partindo do pensamento utilizado nos “Coltrane Changes”, que vem da relação dos temas “Tune Up” com “Countdown”, também podem ser aplicadas sobre a cadência II/V/I.

Quando o aluno está um pouco mais adiantado, faço alguns estudos onde sugiro algumas frases sobre a harmonia da música “Countdown”, para posteriormente aplicá-las sobre o II/V/I, fica meio torto, mas dá um resultado bacana.

Como a ferramenta play along pode/poderia ser aplicada nos planos de aula do curso de guitarra da FASM?

No caso do livro “Samba Jazz”, ele poderia ser aplicado da mesma forma com que já utilizo o “Brazilian Play Along” ou as publicações do Jamey Aebersold que os alunos costumam levar nas aulas.

A peça que o aluno está estudando é super importante, por exemplo, o estudante pode tocar o tema “Stella By Starlight” inúmeras vezes. Neste caso, ele estudou esta música, porém, o que ele aprendeu neste exercício não vai funcionar apenas para este tema, aquelas sequências de II V menores poderão ser aplicadas em milhares de outras músicas.

Pensando deste modo, você pode estudar um tema do livro “Samba Jazz” que contenham situações harmônicas, rítmicas ou melódicas que serão utilizadas em diversas outras circunstâncias da vida do aluno, assim sendo, com certeza esta publicação poderia ser aplicada nos planos de aulas.

Além de usar as publicações, em alguns momentos eu mesmo faço um play along momentâneo de acordo com o que o aluno está estudando. Por

exemplo, o aluno está trabalhando com uma música que não temos o playback a disposição, neste caso, utilizo um pedal que se chama Loop Station RC-20 da BOSS, onde eu mesmo crio um playback de acordo com a necessidade. Se o aluno está estudando técnicas de acompanhamento com tétrades sem tônica, por exemplo, eu gravo linhas de *walking bass*, na guitarra mesmo, para ele aplicar os acordes sobre o playback.

Obviamente não é um play along tão organizado como os das publicações, mas, é um tipo de acompanhamento que a gente faz de acordo com aquele momento e com a necessidade para um estudo específico. Além de ter a possibilidade de escolher e alterar o andamento das gravações através do pedal.

Qual a importância desta publicação ser brasileira?

Eu acho que ainda falta criar essa cultura de fazer play along de música brasileira e com músicos brasileiros tocando. Ainda está começando, há o “Brazilian Play Along” do qual participei, os livros da editora Souza Lima, alguns de choro, tem um do Jacob do Bandolim que é muito legal, entre outros.

Nos últimos anos tem crescido bastante o número de publicações, mas precisa expandir muito mais, pois, o nosso cancionário é muito vasto e é só uma questão de organizar, procurar as pessoas certas e fazer boas edições. Acredito que seja um material que se alguém investir nisso, vai dar muito certo e é fundamental também que sejam músicos bons tocando, por que o estudante vai ouvir lá e perceber que não são especialistas.

Outra questão é sobre a divulgação, eu não sei como está sendo feita a do “Brazilian Play Along”, por exemplo, se o livro está sendo comercializado em outros lugares ou só na loja Free Note (que é a editora do livro), a idéia quando fui convidado para o projeto era publicar os volumes 2 e 3, mas, por enquanto não há nenhuma previsão disto acontecer.

Aparentemente os livros no formato *play along* também são utilizados por músicos profissionais e professores de música. Eles estão presentes em seus estudos?

Estão presentes sim, eu uso bastante em meus estudos o livro de “II V I” (volume 3) do Jamey Aebersold, porque eu fico tendo umas idéias de formular frases em cima de alguns conceitos, por exemplo, os utilizados pelo saxofonista John Coltrane e fico experimentando encima deste *play along*, que é muito bom para esta finalidade por estar em um andamento tranquilo, onde a semicolcheia não é nada absurdamente rápida e fica confortável para tocar e experimentar.

Tem alguns legais que tem vários standards em todos os tons, por exemplo, “All the things you are”, “Giant Steps”, “Cherokee”, em todas as tonalidades. Aliás, o de “Cherokee” nos 12 tons é o livro “Burnin’” (volume 61) de Jamey Aebersold, que eu uso de vez em quando para ver como está a técnica, e toda vez que toco nele tenho a sensação de que estou com a técnica atrasada, pois os andamentos a 330 bpm no metrônomo são muito rápidos.

Raramente eu toco em situações como estas de andamentos extremos, mas, uma vez fui tocar com os músicos César Roversi (saxofone), Marcos Paiva (baixo) e Rodrigo “Digão” Braz (bateria) e decidimos tocar Cherokee, só que puxaram um andamento super rápido, aí na hora eu toquei, mas, não fiquei plenamente satisfeito apesar de ter sido bastante divertido, pensei “preciso voltar a estudar tocar em andamentos rápidos” e como é difícil reunir sempre os músicos, pego o meu *play along* “Burnin’” e estudo junto com ele.

Em outras situações, o pessoal quer tocar os temas do Wayne Shorter que possuem harmonias difíceis, para este caso, estudo o livro do Aebersold sobre o “Wayne Shorter” (volume 33), ou se querem tocar “Giant Steps”, lá vou eu estudar o meu *play along*. Tem um livro do Dave Liebman que eu gosto também que tem métricas diferentes, tem a música “All blues” em 11/8.

O ideal seria estudar estas publicações todos os dias, mas não dá tempo. Portanto, além de utilizar com os alunos, eu uso bastante para minha prática pessoal.

3. REFLEXÕES SOBRE O USO DO PLAY ALONG

Os professores Fernando Corrêa e Lupa Santiago, foram os que afirmaram utilizar esta ferramenta como parte do próprio curso de instrumento, enquanto Paulo Tiné e Djalma Lima declararam que não usavam nas aulas, porém, as publicações não estavam totalmente descartadas do programa, precisando adequá-las de acordo com o conteúdo programático do semestre.

Há um ponto relevante, que é o fato em que Lupa Santiago e Fernando Corrêa também são autores de publicações no formato play along e, portanto, adotarem os seus próprios livros, somados a outras publicações, em suas aulas.

Em relação à questão “há colaboração do livro “Samba Jazz” para o desenvolvimento e aprimoramento deste gênero por guitarristas? Quais são os benefícios?”, foi afirmado unanimemente que esta publicação colaborava para o desenvolvimento não só do guitarrista, mas do músico em geral.

Pensando nos benefícios do livro, um dos principais pontos alegados foi o fato de o play along estar sendo tocado por músicos especialistas em samba jazz, como é o caso de Daniel D’Alcântara, Vitor Alcântara, Guilherme Ribeiro, Sizão Machado e Carlos Ezequiel. Outro argumento foi a vantagem de poder interagir com a “cozinha”, a fim de incorporar o “sotaque” deste estilo, neste caso, podendo o guitarrista atuar também como harmonizador, já que o livro oferece esta possibilidade.

Além de pensarmos na publicação “Samba Jazz” no âmbito nacional, o professor Djalma Lima expõe outra perspectiva:

“Há também outro aspecto, eu imagino este play along na mão de um guitarrista americano e ele tentando aprender as levadas junto com o Sizão, Carlos e com o Guilherme, ou na mão de um guitarrista holandês e ele tentando pulsar junto com a turma e tentando entender as características do estilo. Neste aspecto, acho esta publicação muito interessante.” (LIMA, 2010)

Esta visão do guitarrista Djalma Lima está ligada ao fato de existirem algumas publicações em formato play along sobre a música brasileira, em sua maioria sobre a Bossa Nova, onde os músicos que estão tocando não são os brasileiros e, nestes casos, notam-se as diferenças de execução. Neste aspecto,

o livro “Samba Jazz” possibilita que estudantes do mundo inteiro tenham acesso a este material que é produzido no Brasil e com alguns dos principais músicos do país, neste gênero. O professor Lupa Santiago, que é o vice-diretor da Faculdade Souza Lima, também ressalta esta discussão:

“Um fato importante desta publicação é que ela está sendo lançada no mundo inteiro, em várias línguas como alemão, inglês, português e espanhol. No Brasil é distribuído pela editora Souza Lima e fora dele pela Advance Music.” (SANTIAGO, 2010)

Quando o assunto é os pontos negativos desta publicação, o professor Lupa Santiago foi o único que encontrou algum, afirmando:

“Acho que têm poucas músicas. A média das publicações internacionais são dez músicas, este tem sete, o que não é tão abaixo, mas, eu gostaria que tivessem muito mais.” (SANTIAGO, 2010)

Em relação à pergunta “Quais são as desvantagens deste tipo de estudo?”, o professor Djalma Lima relata:

“Uma coisa que foi comum e que reparei em alguns alunos que estudaram muito com playback é que eles tinham problemas rítmicos, a parte rítmica deles era deficiente, principalmente na mudança dos acordes. Percebi isso na maioria dos meus alunos que estudavam apenas com o play along, problemas na parte rítmica e em delinear o acorde melodicamente. Então, a partir do momento que tirávamos o play along da jogada e tocávamos apenas com o metrônomo, ao voltar pro playback a coisa funciona muito melhor.” (LIMA, 2010)

Este depoimento do educador Djalma Lima alerta para o uso do play along como a principal ferramenta de estudo e revela alguns malefícios. Todos os professores foram unânimes e afirmaram que o playback deve ser utilizado em um momento de aplicação de todo o conteúdo estudado previamente, portanto, nunca se deve já começar pelo play along.

Ainda nas desvantagens desta forma de estudo, o professor Paulo Tiné dá sugestões de como tentar contornar as impossibilidades de alterar o andamento ou a tonalidade das gravações originais:

Existem softwares utilizados na área de música erudita para criar trilhas sonoras, para jingles comerciais por exemplo, onde foram

sampleados¹² os instrumentos da filarmônica de Berlim. Será que isto poderia ser feito com os músicos do livro “Samba Jazz”? Por exemplo, gravar o timbre do baixo do Siza Machado e no software você ter a opção de escrever a levada utilizando aquele som sampleado? É uma idéia para programador, montar uma ferramenta parecida com o “Band in a Box” só que melhor desenvolvido e aí sim podendo alterar diversos parâmetros como tonalidade, andamento, utilizar compassos ímpares ou compostos, etc. (TINÉ, 2010)

Há um software que se chama “Best Practice” que possibilita a alteração, de qualquer arquivo de áudio, nos parâmetros tonalidade e andamento mantendo-se relativamente fiel à qualidade original de gravação. Pode-se utilizar o play along “Samba Jazz” e, com o auxílio deste programa de computador, estudar o livro em qualquer tonalidade ou andamento, podendo resolver esta possível desvantagem.

Existem também publicações que são desenvolvidas exatamente para praticar músicas em todos os tons. Além do livro “Burnin” de Jamey Aebersold, citado pelos professores Fernando Corrêa e Djalma Lima, onde está disponibilizada a música “Cherokee” nas 12 tonalidades, há outros volumes como, por exemplo, o “Tune Up” (volume 67) onde são disponibilizados alguns dos standards mais comuns entre os estudantes de jazz como “Autumn Leaves”, “Four”, “Sweet Georgia Brown”, “Perdido” e até o próprio “Tune Up”, nas doze tonalidades e em uma faixa única, onde há de se praticar as conexões melódicas sobre as diferentes modulações a partir de cada novo chorus.

No caso da questão “Em seu programa de ensino na Faculdade “x” há algum livro *play along* adotado como ferramenta de estudo? Quanto e como você aplica?”, o guitarrista Paulo Tiné afirmou não adotar nenhuma publicação em suas aulas da FAAM e explicou:

“Para mim o play along corresponde mais a um momento de descontração e aplicação, do que ao estudo propriamente dito. Há muitas etapas a serem cumpridas previamente à “situação real da improvisação.” (TINÉ, 2010)

¹² A palavra *sampler* (o que tira amostras) vem da língua inglesa. O termo “samplear” representa criar um banco de dados com alguns registros sonoros para uso posterior, geralmente com auxílio de computadores.

Já Djalma Lima declarou que na ementa do curso não há nenhum livro em formato play along adotado, porém, é bem comum que os alunos compartilhem entre eles as publicações, tendo como objetivo a aplicação dos estudos feitos em sala de aula.

“Eu recomendo aos meus alunos que estudem sempre com o metrônomo, mesmo que seja em duo com outro guitarrista, ele tem que estar sempre presente na hora do estudo. No momento de aplicação eu digo a eles que coloquem um play along para tentar aplicar as questões estudadas e também para curtir um pouco o “tocar em grupo”.” (LIMA, 2010)

O professor Fernando Corrêa afirmou adotar os livros de sua autoria, em conjunto com os play alongs de Jamey Aebersold.

“Eu utilizo o livro do Aebersold “II/V/I” (volume 3), que é o que eu mais uso, pois tem esta importante cadência em todos os tons e tanto com a resolução maior quanto a menor. Além de adotar o meu play along de música brasileira, comecei a utilizar para alguns casos de alunos mais avançados meu outro livro “Estudo Rítmico sobre Coltrane”, por ele possuir um CD que acompanha a publicação, acaba se tornando um tipo de play along também, só que com diferentes perspectivas, onde o objetivo principal é o estudo de quiálteras como quintinas, sextinas e septinas.” (CORRÊA, 2010)

O guitarrista Lupa Santiago diz adotar os três volumes de play alongs da editora Souza Lima, tanto nas aulas de prática de conjunto, como nas aulas individuais de guitarra. No site¹³ da Faculdade Souza Lima está disponível a bibliografia básica para o candidato que concorre a uma vaga no curso de bacharelado em guitarra no “processo seletivo/janeiro 2011”. O livro “Samba Jazz”, está presente entre as publicações recomendadas, são eles:

D'ALCANTARA, Daniel; RIBEIRO, Guilherme. **Play Along Samba jazz**. São Paulo: Souza Lima, 2009.

FARIA, Nelson. **Brazilian Guitar Book**. Sher Music Co, 1995.

SANTIAGO, Lupa. **Dicionário de Acordes Para Guitarra e Violão**. São Paulo: Souza Lima, 2009.

¹³ Disponível em <<http://www.souzalima.com.br/berkleemanual.htm>>. Acesso em 19 de dezembro de 2010.

WILLIAN. Leavitt, G. **A Modern Method for Guitar Vol 1, 2 e 3**. Boston: Berklee Press, 1971.

Em referência à prova estão escritas as seguintes recomendações “o candidato deverá executar uma peça de livre escolha do repertório popular, não aceitamos composições originais. Piano, bateria e amplificadores estarão a disposição do candidato. O candidato deverá providenciar acompanhador, máximo dois, ou *play along*.”¹⁴ Portanto, nota-se a presença deste tipo de ferramenta nesta instituição, tanto nas aulas do bacharelado em guitarra, quanto nas provas do vestibular.

Quando foi questionado sobre como a ferramenta *play along* poderia ser aplicada nos planos de aula do curso de bacharelado em guitarra de suas respectivas instituições, o professor Fernando Corrêa deu uma sugestão onde se utiliza a tecnologia para substituir a falta de publicações:

“Além de usar as publicações, em alguns momentos eu mesmo faço um *play along* momentâneo de acordo com o que o aluno está estudando. Por exemplo, o aluno está trabalhando com uma música que não temos o *playback* a disposição, neste caso, utilizo um pedal que se chama Loop Station RC-20 da BOSS, onde eu mesmo crio um *playback* de acordo com a necessidade. Se o aluno está estudando técnicas de acompanhamento com tétrades sem tônica, por exemplo, eu gravo linhas de walking bass, na guitarra mesmo, para ele aplicar os acordes sobre o *playback*.” (CORRÊA, 2010)

O professor Paulo Tiné expôs seu ponto de vista em relação à aplicação deste livro e alertou para o nível de dificuldade que a publicação “Samba Jazz” exige do aluno universitário:

“Eu não trabalho com *play along* nem no Jazz, então não sei se trabalharia com este. Eu tenho na minha programação uma série de coisas que eu acho importante e existe um caminho pedagógico para ir de A a Z, passando por várias etapas e este livro só funcionaria, se ele estivesse exatamente encaixado nesta minha proposta. Pensando no aluno que entra na FAAM no primeiro semestre, esta publicação, especificamente, é um tanto difícil. Acredito que eles não teriam condições de utilizá-lo.” (TINÉ, 2010)

¹⁴ Disponível em <<http://www.souzalima.com.br/berkleemanual.htm>>. Acesso em 19 de dezembro de 2010.

O professor Lupa Santiago também comentou o nível de dificuldade do livro, fez uma divisão entre os estudantes e explicou quais são os passos que deverão ser utilizados pelo o aluno ao estudá-lo e os objetivos que esta publicação busca desenvolver:

“Para um músico de nível avançado o principal objetivo é pegar a linguagem do groove, do acompanhamento, da melodia e de solo. No nível básico, o objetivo é de fato, conhecer o Samba Jazz, para você ter uma idéia do que é e neste livro acredito que isto esteja bem claro. Eu recomendo que o aluno ouça bastante as versões completas das músicas e depois toque junto, tendo como objetivos desenvolver o acompanhamento, a improvisação, obter mais segurança e incorporar a linguagem.” (SANTIAGO, 2010)

O guitarrista Djalma Lima compartilhou um fato que presenciou em uma aula, do professor Bobby Wyatt, que fazia parte do bacharelado em bateria da Faculdade Cantareira:

“Eu ouvi playbacks de bateria muito bons, por exemplo, um play along da Big Band de Los Angeles aonde aí sim eu vi uma vantagem muito grande nesta forma de estudo. Um estudante de bateria dificilmente terá a oportunidade de tocar com uma big band, ainda mais uma deste porte e eu vi na pratica aquilo funcionando. O baterista com a partitura aberta, acompanhando através da leitura os acentos e ataques realizados pelos nipes e explicitando-os com o uso de dinâmicas. Porém, o foco é mais no estilo de tocar em big band, totalmente baseado em leitura.” (LIMA, 2010)

Pelo fato da bateria não possibilitar a execução de um acompanhamento harmônico ou uma linha melódica, a necessidade de um play along nas aulas deste instrumento aparentemente se torna maior, ainda mais, quando o foco é a aplicação dos estudos. No caso da guitarra, há possibilidade de o aluno e professor alternarem entre as funções de acompanhamento e melodia, assim deixando a simulação de grupo mais próxima à realidade da prática musical, quando se realiza a comparação com dois bateristas tocando juntos em sala de aula, nota-se a falta de um complemento onde, neste caso, pode ser preenchido pelo uso do play along.

Quando perguntados sobre “Qual é a importância desta publicação ser brasileira?” todos educadores valorizaram o fato de serem músicos brasileiros

tocando e cobraram a falta de material didático nacional de qualidade. O professor Fernando Corrêa, que colaborou com o lançamento de três publicações didáticas nos últimos anos, comentou esta questão:

“Eu acho que ainda falta criar essa cultura de fazer play along de música brasileira e com músicos brasileiros tocando. Ainda está começando, há o “Brazilian Play Along” do qual participei, os livros da editora Souza Lima, alguns de choro, tem um do Jacob do Bandolim que é muito legal, entre outros. Nos últimos anos tem crescido bastante o número de publicações, mas precisa expandir muito mais, pois, o nosso cancionário é muito vasto e é só uma questão de organizar, procurar as pessoas certas e fazer boas edições.” (CORRÊA, 2010)

O professor Djalma Lima alerta para não ocorrerem os mesmos problemas que aconteceram com as publicações de Jamey Aebersold e faz uma reflexão sobre a pouca disponibilidade de bibliografia nacional específica para o curso de guitarra:

“Uma das coisas que eu acho interessante é que é bom que se publique logo este tipo de trabalho, antes que outros o façam, como aconteceu com o Aebersold no caso da Bossa Nova. Existem músicos tocando música brasileira razoavelmente bem no Japão e não seria impossível que um japonês lançasse um livro de choro, por exemplo. A parte de publicações nacionais ainda é muito fraca, principalmente voltado para o meio acadêmico e para a área de música popular, cada vez vai afunilando mais. A ementa de um curso de guitarra no Brasil, na maioria das vezes só tem livros estrangeiros.” (LIMA, 2010)

O educador Paulo Tiné citou também a possibilidade do uso do livro “Samba Jazz” em conjunto com outros dois que completam a série de play alongs da editora Souza Lima, são eles “Baião e Ritmos Nordestinos” e “Música Brasileira em Métricas Ímpares”.

“Observando os três livros (série Souza Lima play along), dá para perceber que se forem misturadas as diferentes publicações dá para obter um bom leque de possibilidades de aplicação. O aluno pode tocar baião, samba jazz, músicas em métricas ímpares e outros, com uma concepção jazzística.” (TINÉ, 2010)

O professor Lupa Santiago comentou sobre a importância dos músicos que colaboraram para este projeto e como o livro tem sido recebido no exterior:

“Este livro é uma representação muito forte do estilo em questão e o legal é que as músicas foram “executadas para valer”, ninguém economizou. Os músicos que colaboraram nesta publicação são ótimos representantes deste gênero, por exemplo, eu acredito que não há melhor trompetista no mundo, para representar o Samba Jazz, do que o Daniel D’Alcântara, ele tocou com alguns dos principais nomes da música brasileira. Quando nós viajamos para tocar no exterior, o público fica maluco, pois eles já enxergam a aplicação prática deste livro.” (SANTIAGO, 2010)

Na última questão das entrevistas realizadas, quando foi perguntado se a ferramenta play along estava presente em seus estudos particulares de guitarra, o educador Paulo Tiné afirmou:

“Não. Eu não uso play along. Já usei, mas sempre como curtição, nunca como ferramenta de estudo. Eu tinha um play along do Herbie Hancock onde eu ficava tocando Maiden Voyage, tinha o do John Coltrane, mas era muito difícil tocar Giant Steps naqueles andamentos que o Aebersold propõe, tive o de Bossa Nova também, mas nunca foi uma coisa que me interessou muito.” (TINÉ, 2010)

Já o guitarrista Lupa Santiago declarou:

“Eu estudei muito a série play along da editora Souza Lima, especialmente o de Samba Jazz, pois não participei da elaboração, por isso, foi o que eu mais exercitei. Nos outros como eu acabei tocando, analisei menos, pois não vejo muita utilidade em estudar as coisas que eu mesmo fiz, sempre quero aprender coisas novas. Eu pratiquei bastante o livro “Samba Jazz”, porque eu acho que tem uma linguagem que eu não domino ainda, por isso, dei uma atenção especial a ele.” (SANTIAGO, 2010)

Em relação à mesma questão, o professor Djalma Lima explicou:

“Em geral eles formam uma porcentagem muito pequena dentro do meu estudo, acredito que eu tenha um pouco de preguiça de encontrar os playbacks e escolher o ideal para cada estudo. Tenho um monte de metrônimos jogados pela casa, eu pego a guitarra ligo um deles e penso “música x, só em arpejos ou só em padrão de sextas” e para mim é muito mais prático. Algumas vezes eu ligo um play along e fico praticando arpejos, mas é bastante raro. Quem sabe, após conhecer o livro “Samba Jazz”, eu comece a usar mais.” (LIMA, 2010)

O guitarrista Fernando Corrêa se demonstrou favorável ao auxílio do *play along* em seus estudos:

“Estão presentes sim, eu uso bastante em meus estudos o livro de “II/V/I” (volume 3) do Jamey Aebersold, porque eu fico tendo umas idéias de formular frases em cima de alguns conceitos, por exemplo, os utilizados pelo saxofonista John Coltrane e fico experimentando encima deste *play along*, que é muito bom para esta finalidade por estar em um andamento tranquilo, onde a semicolcheia não é nada absurdamente rápida e fica confortável para tocar e experimentar. [...] O ideal seria estudar estas publicações todos os dias, mas não dá tempo. Portanto, além de utilizar com os alunos, eu uso bastante para minha prática pessoal.” (CORRÊA, 2010)

Observam-se, nesta última pergunta discutida, muitas divergências entre as respostas, pelo fato de ser uma questão muito pessoal. Porém, com exceção do professor Paulo Tiné, todos os educadores afirmaram usar a ferramenta *play along* como um recurso a mais no seu estudo pessoal do instrumento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aparente crescimento de publicações didáticas nacionais nos últimos anos, em formato play along, gerou o interesse de realizar esta pesquisa. Após ter acesso a diversos materiais sobre gêneros distintos, foi escolhido para a análise e demonstração das características deste tipo de ferramenta o livro “Samba Jazz”, lançado no ano de 2009 pela editora Souza Lima.

Posteriormente, a busca por desvendar se esta publicação é ou poderia ser utilizada no ensino superior, mais especificamente nos bacharelados em guitarra disponíveis na cidade de São Paulo, se tornou o objetivo principal deste trabalho. Precisava-se então, entrevistar quatro renomados professores de diferentes instituições, no âmbito universitário, a fim de esclarecer tal questão.

Depois de realizadas as entrevistas com os educadores e guitarristas Paulo Tiné (Faculdade de Artes Alcântara Machado), Lupa Santiago (Faculdade Souza Lima), Djalma Lima (Faculdade Cantareira) e Fernando Corrêa (Faculdade Santa Marcelina), o trabalho partiu para uma terceira etapa onde o material adquirido com tal realização, possibilitou uma reflexão sobre a utilização da ferramenta play along no ensino do instrumento em questão.

Após o cumprimento de todas estas etapas deste trabalho, conclui-se que o livro “Samba Jazz” atualmente é empregado apenas na Faculdade Souza Lima, a qual pertence a sua editora. Mas, pelo fato de ser uma publicação relativamente recente (2009), os professores das outras instituições ainda não haviam tido acesso a este material. Todos foram unânimes ao valorizar a colaboração que esta publicação exerce, não só ao guitarrista, mas, ao músico em geral e declararam que existe sim a possibilidade de acrescentá-lo nos planos de aula de suas respectivas instituições representadas.

Por fim, este presente trabalho cumpre o seu papel de refletir sobre a colaboração da ferramenta play along, no ensino universitário da guitarra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

D'ALCÂNTARA, Daniel; RIBEIRO, Guilherme. **Samba Jazz**. São Paulo: Souza Lima, 2009.

SANTIAGO, Lupa; EZEQUIEL, Carlos. **Música Brasileira em Métricas Ímpares**. São Paulo: Souza Lima, 2009.

EZEQUIEL, Carlos; RIBEIRO, Guilherme; SYLLOS, Gilberto de. **Baião & Ritmos Nordestinos**. São Paulo: Souza Lima, 2009.

CORRÊA, Fernando; ANDREOTTI, Marinho; RIBEIRO, Edu. **Brazilian Play Along**. São Paulo: Free Note, 2006.

DALAROSSA, Daniel. **Chiquinha Gonzaga – Clássicos do Choro Brasileiro – Vol. 1**. São Paulo: Choro Music, 2007.

DALAROSSA, Daniel. **Jacob do Bandolim – Clássicos do Choro Brasileiro – Vol. 1**. São Paulo: Choro Music, 2007.

AEBERSOLD, Jamey. **Vol. 1, How To Play Jazz & Improvise**. New Albany: Jamey Aebersold Jazz, 1967.

AEBERSOLD, Jamey. **Vol. 3, The II/V7/I Progression: The Most Important Musical Sequence in Jazz**. New Albany: Jamey Aebersold Jazz, 1974.

AEBERSOLD, Jamey. **Vol. 06, Charlie Parker: All Bird**. New Albany: Jamey Aebersold Jazz, 1976.

AEBERSOLD, Jamey. **Vol. 11, Music Of Herbie Hancock**. New Albany: Jamey Aebersold Jazz, 1978.

AEBERSOLD, Jamey. **Vol. 28, John Coltrane: 8 More Jazz Originals**. New Albany: Jamey Aebersold Jazz, 1983.

AEBERSOLD, Jamey. **Vol. 31, Jazz Bossa Novas**. New Albany: Jamey Aebersold Jazz, 1984.

AEBERSOLD, Jamey. **Vol. 33, Wayne Shorter - Jazz Classics**. New Albany: Jamey Aebersold Jazz, 1985.

AEBERSOLD, Jamey. **Vol. 61, Burnin'!!! Up-Tempo Jazz Standards**. New Albany: Jamey Aebersold Jazz, 1994.

AEBERSOLD, Jamey. **Vol. 67, Tune Up**. New Albany: Jamey Aebersold Jazz, 1995.

AEBERSOLD, Jamey. **Vol. 98, Antonio Carlos Jobim: Bossa Nova**. New Albany: Jamey Aebersold Jazz, 2000.

SANTIAGO, Lupa. **Improvisação Moderna I**. São Paulo: Souza Lima, 2008.

CORRÊA, Fernando. **Estudo rítmico sobre Coltrane**. São Paulo: Som, 2010.

BERENDT, Joachim Ernst. **O Jazz do Rag ao Rock**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

SADIE, Stanley. **Dicionário Grove de Música**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

TINÉ, Paulo. Entrevista concedida ao autor, São Paulo, 30 nov. 2010.

SANTIAGO, Lupa. Entrevista concedida ao autor, São Paulo, 03 dez. 2010.

LIMA, Djalma. Entrevista concedida ao autor, São Paulo, 04 dez. 2010.

CORRÊA, Fernando. Entrevista concedida ao autor, São Paulo, 16 dez. 2010.

SANTIAGO, Lupa. **Faculdade Souza Lima: Manual do candidato**. Disponível em: <http://www.souzalima.com.br/berkleemanual.htm> aceso em 19 de dezembro de 2010 às 19h25min.